

ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS DE ARACRUZ

Marilia Tonon Bitti (marilia-tb@hotmail.com)

Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ).

Ivana Souza Marques (ivana@fsjb.edu.br)

Docente da Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ). Curso de Arquitetura e Urbanismo. Mestre em Arquitetura e Urbanismo

RESUMO

O presente trabalho trata de uma derivação das análises realizadas no projeto de Iniciação Científica intitulado Zoneamento Ambiental em Áreas Urbanas. Apresenta portanto uma análise do crescimento urbano do município de Aracruz, região Norte do Espírito Santo, especificamente no estudo das áreas públicas no seu distrito Sede. A partir das análises do processo de transformação da urbanização da Sede, o estudo aborda as consequências da ausência de planejamento para a produção de espaços habitáveis, analisando o desenho, a localização e a qualidade de seus espaços públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização, expansão, espaços públicos.

1 – INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem origem da indagação sobre o crescimento urbano do município de Aracruz e suas consequências sobre o território. Em um primeiro momento tinha como foco a metodologia de análise de médias e pequenas cidades, porém com o desenvolver da pesquisa e o interesse pelas consequências do crescimento não planejado, que deixou grandes marcas no espaço urbano da cidade, entendeu-se como área de interesse os espaços públicos da Sede.

A estrutura do trabalho está dividida em três momentos: no primeiro busca-se de conceituar e compreender as pequenas e médias cidades, localizando Aracruz neste contexto, assim como o seu funcionamento diante das demais. O segundo momento se faz necessário para a construção da defesa da importância do entendimento da apropriação dos espaços públicos, na compreensão de suas funções, identificando-os e classificando-os de acordo sua infraestrutura e apropriação. No último capítulo apresenta-se a consolidação dos espaços públicos de Aracruz e o mapeamento de suas áreas e novas apropriações residenciais.

2 – JUSTIFICATIVA

Durante sua evolução, Aracruz se atentou na produção de moradias, mas de forma muito desordenada, com muitos loteamentos irregulares e sem planejamento estratégico. Foi só a partir de 2008 com a criação do Plano Diretor Municipal que o Município que começou a organizar-se e ter uma visão mais ampla a respeito dos benefícios sociais. Mais importante do que conhecer seu espaço territorial, é entender seu conteúdo e como isso afeta o dia a dia na cidade.

Sabe-se que as principais transformações ocorridas no município estão relacionadas à presença de indústrias que se instalaram ao longo de sua existência. Assim a cidade se desenvolveu, com o aumento populacional ultrapassando cem mil habitantes, em uma área total de 1.426,83 km². Essas mudanças na

população e na economia mudaram consideravelmente sua configuração espacial e seu direcionamento de uso.

Este estudo pretende então, ajudar no entendimento de espaço público da cidade de Aracruz-ES considerando suas particularidades e a partir disso incentivar outros estudos da mesma natureza.

3 – METODOLOGIA DO TRABALHO

Como metodologia do projeto foram utilizados os métodos de pesquisa bibliográfica para as definições de conceitos e métodos de análise, pertinentes aos temas dos projetos, apropriando-se de conceitos definidos pelos autores, Eneida Maria de Souza Mendonça, Ângelo Serpa, Wendel Henrique, Jan Gehl e Camila Maria Blank Orrico.

Para a construção do método de identificação das áreas públicas foram utilizadas as bases de dados do Sistema de Informações Geográficas (SIG) da PMA e, através do programa ArcGIS, foram elaboradas uma sequencia de mapeamentos de forma que identificássemos as questões levantadas. Cabe reforçar que o SIG vem se afirmando cada vez mais como o instrumento mais adequado à construção das representações gráficas de conhecimento acerca do espaço, e vem sendo aplicado as mais diversas realidades possíveis, tais como gestão pública, atividades comerciais e, inclusive, nos planejamentos urbanos.

4 – O ESPAÇO PÚBLICO NAS PEQUENAS E MÉDIAS CIDADES

4.1 – Pequenas e Médias Cidades

Segundo Henrique (2010) Para identificar uma cidade como média ou pequena, não basta avaliar seu número populacional, pois este é um fator fundamental para a definição do porte. É preciso ir mais além, estudar as características, cotidiano, funções e as relações morfológicas da cidade. Sua leitura como média ou pequena, é feita através do tamanho demográfico, plano morfológico e de suas funções ou usos urbanos que as colocam em diferentes posições umas em relação às outras, seguindo principalmente a análise de cinco setores: 1) Funções urbanas; 2) Intensidade do processo de urbanização; 3) Presença de áreas rurais; 4) Modo de vida dominante; e 5) Dinâmica da sociabilidade local.

Ainda segundo o mesmo autor, essas cidades médias e pequenas tendem a sofrer aumento em suas formas, conteúdos, consumos e até em seus problemas, como violência, drogas e pressão imobiliária. E fisicamente a tendência de crescimento é marcada pelo surgimento de um único edifício, marcando a paisagem e anunciando a modernização da cidade. (Ver figura 01)



Figura 1: Vista da Sede da cidade de Aracruz. Em destaque o único edifício verticalizado construído. Foto datada de 2000. Fonte: Disponível em www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=949474. Acesso em setembro/2015.

A principal diferença entre as cidades pequenas ou médias para as grandes/metrópoles é, portanto, seu avanço urbanístico. Imaginando uma linha de evolução urbana, no fim dessa linha estariam as grandes cidades/metrópoles, ou seja, aquelas que já realizaram todo o processo de urbanização, sendo cidades 100% urbanas. Enquanto cidades pequenas e médias tendem a estarem recuadas nessa linha evolutiva do processo de urbanização.

Desse modo, pode-se fazer uma análise da cidade de Aracruz e denominá-la como uma cidade pequena ou média, visto que suas funções e usos de espaços ainda estão limitados, sua intensidade de crescimento está acelerada, mas longe de atingir a urbanização por completo, mantendo viva muitas atividades rurais juntamente com suas respectivas áreas e residências. O modo de vida ainda é calmo, sem o agito encontrado nas grandes cidades, sem variedades na opção do lazer, e, embora tenha se destacado como cidade polo para novas indústrias, a cultura local e sua dinâmica no convívio e relacionamento social se mantém dispersa.

4.2 Espaços Públicos: Breve Histórico

Os espaços públicos têm sua função enraizada na história das cidades, onde já eram destinados ao encontro, comércio e circulação de pessoas, desde há muito tempo, o que começou a mudar partir do século XX, onde o tráfego de carros, comércio e comunicação afetaram essa realidade de uso.

Com o fato de possuir mais mobilidade, a cidade se expandiu para os carros e fez-se esquecer dos bons e velhos espaços de encontro, comércio e circulação, se atentando menos aos espaços públicos e mais aos estacionamentos e via de circulação para automóveis. Em função disso, o uso dos espaços mudou, a briga entre carros e pedestres fez o que estava em equilíbrio por séculos entrar em conflito aberto.

Na cidade de Aracruz o espaço urbano obtém atualmente predominância no tráfego de veículos e estacionamentos. Pouco espaço físico sobrou, o resultado disso, é que só o tráfego de veículos se desenvolve, sobrando muito pouco espaço para outras atividades.

Nesses espaços públicos deteriorados a maioria das atividades sociais e recreativas desaparece completamente, sobrando apenas as caminhadas necessárias. Quando alguém circula nesses espaços, é porque necessitam e não porque desejam. Pode-se afirmar que a qualidade urbana está diretamente relacionada à vida pública, onde é preciso rotas atrativas para encorajar o tráfego a pé, caminhar, parar e aproveitar a cena urbana.

Jan Gehl (2002) deixa claro em seu texto quando afirma a necessidade de uma cidade mais humana e neste sentido percebe-se que mesmo o interesse comercial atualmente, passa então a ser mais social, não só na Europa mas agora por todo o mundo, as cidades reagiram e passaram a convidar seus habitantes a retornarem aos espaços públicos.

As cidades só conseguem reerguer seus espaços públicos através de políticas urbanas visionárias, priorizando a segurança e mudanças nos padrões de tráfego, saúde pública, redução do consumo de riquezas, redução do ruído e poluição, além de trabalhar para que a cidade tenha cada vez mais um papel democrático, pois quando a visão e a política trabalham unidas, é evidente que as cidades tornam-se lugares melhores para viver.

4.3 Apropriação dos Espaços Públicos

Ainda com relação ao conceito de espaços públicos diversos são os autores entre, arquitetos, urbanistas, paisagistas, geógrafos e mesmo antropólogos que discorrem sobre as diferentes metodologias de sua análise e construção. Entre estes destacamos o trabalho de pesquisa desenvolvido pela professora doutora

Eneida Maria de Souza Mendonça intitulado *Apropriação do Espaço Público* em que analisa os espaços públicos da cidade de Vitória, além de outros autores como o geógrafo Ângelo Serpa. Na sequência apresentaremos estes conceitos sob a ótica dos autores em questão.

Existe uma relação dinâmica entre o privado e o público, entre a casa e a rua, onde o espaço urbano faz uma extensão do lar, é parte da vida cotidiana da cidade e afeta o dia a dia do cidadão de forma ampla. A apropriação de um espaço está diretamente ligada a seu aspecto físico, suas formas, cores, podem, além de seu papel original, corresponder a uma imagem marcante da cidade, boa ou ruim.

A construção destes aspectos físicos, acompanham a realidade socioeconômica do local, ou seja, os espaços públicos, assim como todo o aspecto urbano, são o espelho da dedicação/esforço social e econômico, revelando as intenções das pessoas envolvidas nestes lugares. Da mesma forma ocorre com a apropriação, que será destinada de acordo com os interesses. Assim, o uso é indicado diretamente por aspectos morfológicos, pelo aspecto e condição do ambiente, como também das necessidades imediatas.

Esses usos, são sinais de flexibilidade, o que chama a tensão para a necessidade de um estudo local com projetos urbanísticos adequados sobre o espaço físico, possibilitando apropriações mais seguras e mais adequadas possíveis. E diante da importância de ocupações alternativas do espaço público, além das funções formais, é importante compreender o que são os espaços públicos formalmente construídos, que se entendem por ruas, praças e parques.

Enquanto a rua é classificada como ambiente de circulação, a praça é o lugar de permanência, de encontros. E em alguns casos, a rua torna-se a extensão da praça. A praça equivale espacialmente a uma quadra e além do convívio social, também tem a função de organizar e amenizar a circulação de pessoas, tendo em seu contexto cobertura verde, bancos e mobiliário lúdico. O parque, por sua vez, tem função social semelhante à praça, mas com atividades lúdicas mais temporárias. São caracterizados e identificados pelas expressivas estruturas verdes, de forma que direciona seus espaços. Os elementos verdes como o jardim, são sempre uns requintes junto ao lazer, desse modo, o parque e suas áreas verdes introduzem na cidade um evoluído modo de viver, com passeios agradáveis e novas práticas esportivas e sociais, com conteúdo cultural e estético.

Serpa (2007) exalta a importância que se dá à construção dos lugares em detrimento à apropriação já existente e que se torna fundamental para o entendimento da função dos espaços públicos. Ao citar Herlyn (1989) ainda afirma que é impossível ou melhor, condenável a um fracasso, considerar apenas uma análise física da paisagem sem considerar as necessidades e os interesses da sociedade.

É notória a dificuldade de interpretação no campo do planejamento urbano e paisagístico das intensões impressas pela população no lugar. Longe acreditar-se que haja uma real possibilidade de um discurso único entre planejadores e população, ainda mais quando fala-se de uma proposta projetual. Porém desconsiderar um processo de manifestação da população é desacreditar no processo político de construção da cidade.

4 – ANÁLISE DOS DADOS

Objetiva-se aqui apresentar, portanto a localização e dispersão destes espaços de acordo com o que já foi apresentado na evolução da cidade. Infelizmente o tempo da pesquisa não permitiu uma análise mais criteriosa e individual que qualificasse cada espaço e até direcionasse futuros estudos, mas este certamente pode ser um início para alertar ao poder público e à população aracruzense da importância de identificar e fiscalizar a implantação dos atuais e futuros espaços públicos da cidade.

De maneira geral, os poucos espaços públicos de Aracruz, estão distribuídos de forma centralizada. As áreas maiores e mais estruturadas, de uso mais amplo, estão consolidadas no bairro Centro, não sendo acessíveis a todos os bairros da Sede. As pequenas áreas públicas dos bairros mais distantes não oferecem tanta variedade de uso, nem oferecem segurança o suficiente para torna-se atrativas, consolidando-se em pequenas praças pouco equipadas de mobiliários ou mesmo paisagismo.

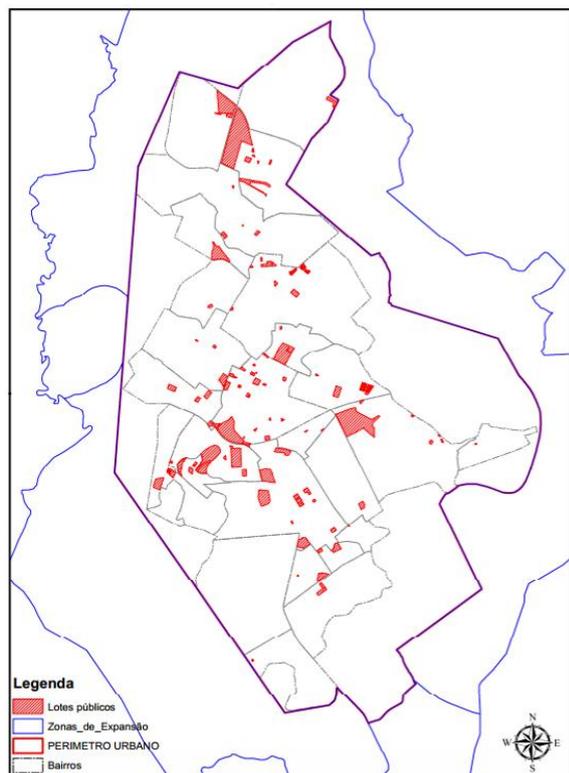


Figura 2: Mapa de espaços públicos consolidados na Sede de Aracruz-ES.

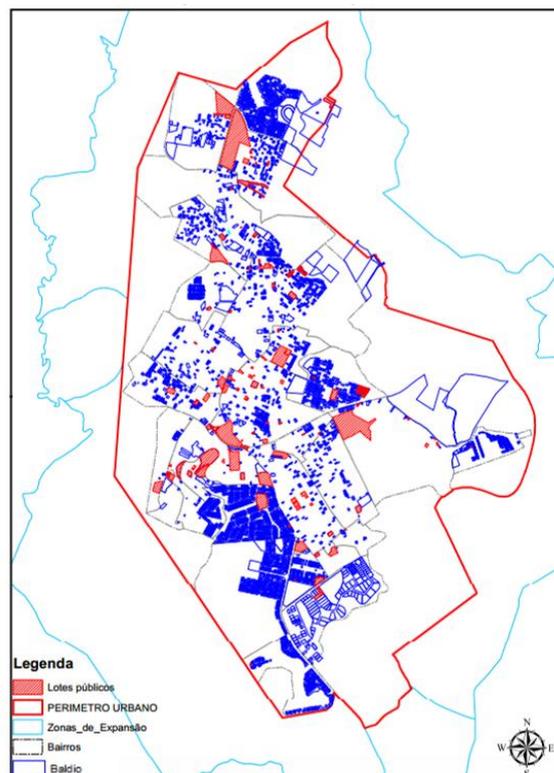


Figura 3: Mapa dos espaços vazios e espaços públicos consolidados na Sede de Aracruz-ES.

Cabe observar ainda que os espaços vazios encontrados pela cidade, aparentemente possíveis de estruturação, devem ser fiscalizados no sentido de que alguns são classificados como Áreas de Interesse Social ou ainda Áreas de Preservação Permanente, ou seja, contém outros fatores limitantes da ocupação.

Observa-se ainda que na Sede, as principais praças, tanto para descanso como para o lazer ativo encontram-se no Bairro Centro: a praça São João Batista e a Praça da Paz. Ambas as praças estão localizadas bem ao Centro da cidade, o que favorece sua movimentação e ao mesmo tempo desfavorece os bairros distantes, pois se torna inviável saírem de suas residências para exercerem alguma atividade nelas de maneira frequente.

As pequenas áreas públicas mais isoladas na cidade, quase sempre estão em mal estado de conservação e não oferecem segurança, favorecendo o encontro de pessoas de maneira inversa, voltada para práticas ilícitas.

5 – CONCLUSÃO

Aracruz se desenvolveu em função das indústrias e das necessidades delas provindas, ou seja, áreas para morar, se divertir, vias para circular, entre outras. Por si só, a cidade não garante amparo para o residente, sendo necessária a observação de seus anseios e expectativas para que ela seja um lugar realmente habitável.

Não se desenvolve uma cidade sem planejamento ou estimulando a existência da segregação social com o direcionamento de investimentos para os bairros mais infraestruturados. Nesse sentido o espaço público na cidade, é tão importante, quanto o privado, ele é como uma extensão das casas e um respiro no percurso ao emprego. Todas as casas saem em um mesmo sítio, a rua, sendo esta a principal área pública da cidade e muitas vezes a extensão de suas casas, mas alguns moradores não se dão conta do espaço que deixam de aproveitar e o quanto isso os afeta, porque já estão acostumadas e condicionadas a viver assim.

Usando uma analogia um tanto quanto poética para concluir o trabalho e melhor entender a dinâmica da cidade no cotidiano, pode-se analisar a cidade e seus espaços públicos como um corpo humano em funcionamento. Os espaços públicos são o caminho que movimentam a cidade, pois os habitantes de uma cidade são como o sangue, e as ruas as veias, o corpo precisa de circulação para se manter vivo e ativo e de preferência uma circulação sadia, por conta própria e não movida apenas graças as necessidades e com ajuda de aparelhos motorizados. Essas veias precisam oferecer condições adequadas para um bom fluxo e quando não há uma circulação de qualidade, alguns organismos patogênicos se instalam, comprometendo e ameaçando a qualidade do corpo, que é o bairro ou a cidade, ou seja, se não há movimentação, os espaços serão usados de forma inadequada. Durante o dia e mesmo durante a noite, as pessoas precisam circular, senão a cidade fica morre em alguns períodos.

Assim como o corpo precisa se manter cuidado e em movimento, a cidade também precisa manter o ritmo e Aracruz? Até quando vamos deixar de perceber a importância dos espaços públicos desta cidade?

6 – REFERENCIAS

1. LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel. (orgs.) Cidades Médias e Pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Publicações SEI. Salvador, BA, 2010. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidades%20m%C3%A9dias%20e%20pequenas%20teorias,%20conceitos%20e%20estudos%20de%20caso.pdf>
2. GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. Novos espaços urbanos. Barcelona: Gustavo Gili: 2002.
3. MENDONÇA, Eneida Maria de Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Volume 7, Número 2. 2007. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10926/8628>
4. ORRICO, Camila Maria Blank. A urbanização recente de Aracruz. Dissertação de Mestrado do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Vitória-ES, 2010.
5. SERPA, Ângelo. O Espaço Público na Cidade Contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007.